



A DIVERSIDADE DOS GRUPOS EVANGÉLICOS NO BRASIL E A QUESTÃO ECUMÊNICA

THE DIVERSITY OF PROTESTANT GROUPS IN BRAZIL AND THE ECUMENISM

LA DIVERSIDAD DE GRUPOS EVANGÉLICOS EN BRASIL Y LA CUESTIÓN ECUMÉNICA

*Claudio de Oliveira Ribeiro**

RESUMO

O texto apresenta resultados de pesquisa em torno da diversidade religiosa no campo evangélico, vista a partir do princípio pluralista, que analisa dados sobre como os grupos evangélicos que, historicamente, possuem práticas e perspectivas ecumênicas estão presentes no quadro religioso atual e de que modo a atuação deles realça a diversidade evangélica na atualidade. Assim, dentro da variedade denominacional, ideológica e de práticas pastorais distintas, a análise se atenta para a recorrente distinção entre os grupos, cuja concepção pastoral e teológica foi constituída de forma mais arejada, mantendo vínculos mais nítidos com a sociedade, expressos de maneira a realçar a crítica social, a busca de direitos e formas dialógicas e inclusivas de ação. Trata-se dos grupos usualmente denominados ecumênicos e evangélicos. Metodologicamente, os conteúdos foram organizados em dois blocos. O primeiro oferece uma síntese dos aspectos principais do surgimento e do desenvolvimento dos grupos ecumênicos no Brasil. Já o segundo é um mapa, também sintético e certamente provisório, de organizações, grupos, coletivos e movimentos que marcam o cenário

* Doutor (2000) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (SMU) (Dallas-EUA) (2015), e na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas-SP. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: cdeoliveiraribeiro@gmail.com.



evangélico no Brasil e apresentam, com maior ou menor intensidade, traços do ideário ecumônico.

Palavras-chave: Movimento ecumônico; Grupos evangelicais; Diversidade evangélica; História do ecumenismo; Princípio pluralista.

ABSTRACT

The text presents research results around religious diversity in the Protestant field, seen from the pluralist principle, which analyzes data on how Protestant groups that, historically, have ecumenical practices and perspectives are present in the current religious framework and how their performance highlights the Protestant diversity today. Thus, within the variety of denominational, ideological and of distinct pastoral practices, the analysis pays attention to the recurring distinction between groups, whose pastoral and theological conception was constituted in a more airy way, maintaining clearer links with society, expressed in a way that highlights social criticism, the search for rights and dialogical and inclusive forms of action. These are groups usually called ecumenical and evangelical. Methodologically, the contents were organized into two blocks. The first offers a synthesis of the main aspects of the emergence and development of ecumenical groups in Brazil. The second is a map, also synthetic, and certainly provisional, of organizations, groups, collectives and movements that mark the Protestant scene in Brazil and present, with greater or lesser intensity, traces of the ecumenical vision.

Keywords: Ecumenical movement; Evangelical groups; Protestant diversity; History of ecumenism; pluralist principle.

RESUMEN

El texto presenta resultados de investigaciones en torno a la diversidad religiosa en el campo evangélico, vista desde el principio pluralista, que analiza datos sobre cómo grupos evangélicos que, históricamente, tienen prácticas y perspectivas ecuménicas están presentes en el marco religioso actual y que de esta manera, sus acciones resaltan la diversidad evangélica hoy. Así, dentro de la variedad de prácticas pastorales confesionales, ideológicas y distintas, el análisis presta atención a la distinción recurrente entre grupos, cuya concepción pastoral y teológica se constituyó de manera más aireada, manteniendo vínculos más claros con la sociedad, expresados de manera que resaltan la crítica social, la búsqueda de derechos y formas de acción dialógicas e inclusivas. Se trata de grupos habitualmente llamados ecuménicos y evangélicos. Metodológicamente los contenidos se organizaron en dos bloques. El primero ofrece una síntesis de los principales aspectos del surgimiento y desarrollo de grupos ecuménicos en Brasil. El segundo es un mapa, también sintético y ciertamente provisional, de organizaciones, grupos, colectivos y movimientos que marcan el escenario evangélico en Brasil y presentan, con mayor o menor intensidad, huellas de ideología ecuménica.

Palabras clave: Diversidad evangélica; Grupos evangélicos; Historia del ecumenismo; Movimiento ecuménico; Principio pluralista.

1 INTRODUÇÃO

A intensa e crescente diversidade do campo religioso brasileiro, além de ser percebida na diferenciação de cada grupo ou tradição, também se dá no interior deles. Assim é o caso do setor evangélico, que abrange uma variedade de ramos e denominações, tanto as ligadas ao protestantismo de migração e de missão e suas distinções internas (como Luterana, Metodista, Batista, Presbiteriana e Igrejas congregacionais) quanto as do campo pentecostal (como Assembleias de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular, entre as mais antigas, e Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Deus é Amor, Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e uma lista bastante extensa de novos e variados grupos, incluindo comunidades autônomas locais). Há uma variação muito grande de práticas, ênfases doutrinárias e teológicas em cada grupo e no interior deles, a ponto de dificultar sínteses e tipos ideais para análise.

Desde a década de 1980, alguns estudiosos se dedicaram a formular tipologias para se compreender mais adequadamente o campo religioso evangélico no Brasil. Para isso, estabeleceram “pontos de partida”, que variavam de acordo com as necessidades de cada análise.¹ Tais tipologias nos são muito úteis e significativas, mas, sem desconsiderar a importância delas, vamos recorrer a uma distinção própria e simplificada que facilitará o alcance de nosso objetivo nesta reflexão. Desejamos apresentar dados sobre como os grupos evangélicos que, historicamente, possuem práticas e perspectivas ecumênicas estão presentes no quadro religioso atual e de que maneira a atuação deles realça a diversidade evangélica hoje. Assim, dentro da variedade denominacional, ideológica e de práticas pastorais distintas, vamos nos atentar para uma recorrente distinção entre os grupos, cuja concepção pastoral e

¹ José Bittencourt Filho (2003), por exemplo, partiu do ponto da maior ou menor aproximação dos grupos evangélicos em relação ao núcleo teológico básico da Reforma Protestante e indicou as distinções entre protestantes de missão (ou “históricos”), de migração, pentecostais “clássicos” e pentecostais autônomos. Alexandre Brasil (2019) partiu das alocuções de cada grupo e a relação deles com o quadro social e político e distingue os discursos ecumênicos, da missão integral (evangelicais), da prosperidade, dos reformados, dos pentecostais (em geral) e de grupos independentes.

teológica foi constituída de forma mais arejada, mantendo vínculos mais nítidos com a sociedade, expressos de modo a realçar a crítica social, a busca de direitos e formas dialógicas e inclusivas de ação. Trata-se dos grupos usualmente denominados ecumênicos e evangelicais.²

2 AINDA FAZ SENTIDO DISTINGUIR ECUMÊNICOS E EVANGELICAS?

Os grupos ecumênicos são, em geral, identificados com as bases históricas e teológicas do movimento ecumônico internacional, majoritariamente articulado em torno das ações do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em 1948, e com sede em Genebra (Suíça). No Brasil, tais grupos estiveram e estão assentados, com maior ou menor grau de representatividade, nas igrejas-membros, como Metodista, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Anglicana e Presbiteriana Independente, em entidades ecumênicas de serviço e organizações similares e em conselhos de igrejas, como Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), Conselho Latino-Americano de Igrejas – Brasil (CLAI-Brasil) e esferas afins. Entre diferentes ênfases, as atividades e projetos ecumênicos se tornaram efetivos e visíveis nas ações de defesa dos direitos humanos e da terra, de empoderamento de agrupamentos pobres, nas questões pastorais e teológicas feministas e negras e nos diálogos e cooperações práticas diversas, tanto em nível ecumônico intracristão quanto inter-religioso.

Os grupos evangelicais, em geral identificados com as teologias da Missão Integral e suas releituras atuais, historicamente são identificados com o Pacto de Lausanne, posicionamento teológico estabelecido por ocasião do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em 1974 na Suíça. No Brasil, estiveram – e, em vários casos, ainda estão – relacionados às práticas de variados organismos de caráter interdenominacional, como Visão Nacional de Evangelização (VINDE), Visão Mundial e Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL). Com uma diversidade de

² Uma análise de elementos históricos e teológicos desses dois movimentos, incluindo aproximações e distanciamentos, pode ser encontrada em: LONGUINI NETO, Luiz (2002). *O novo rosto da missão: os movimentos ecumônico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Outra reflexão que contempla bem esses dois movimentos, com foco na relação entre evangélicos e política, é a proposta por Zózimo Trabuco (2016): *À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias (1974-1994)*.

ações, as atividades e projetos desses grupos se notabilizaram por trabalhos comunitários de serviço e de ação social, iniciativas socioeducativas com grupos de mulheres e crianças empobrecidas e estímulo de dinâmicas eclesiais mais abertas, participativas e socialmente responsáveis.

Embora integrados em algumas iniciativas, esses dois segmentos, no Brasil, quase sempre desenvolveram práticas paralelas, com atuação em campos e públicos-alvo distintos, com pouco diálogo entre si.³ Na atualidade, por diferentes razões, mas sobretudo pela polarização política que se tornou mais aguda a partir do processo de impedimento da presidente da República, Dilma Rousseff, em 2016, e ganhou contornos mais intensos no período do governo do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022),⁴ esses grupos se tornaram mais próximos e, em certo sentido, “misturados”.

A necessidade de reunir esforços para se contrapor às visões obscurantistas e às tendências autoritárias que se fortaleceram na sociedade brasileira no período em questão – que tal fato se deu fortemente nas igrejas cristãs – explica, ao menos em parte, essa aproximação.⁵ Ao mesmo tempo, com as mudanças culturais em curso, demandando maior abertura de horizontes pastorais e certa movimentação social em torno de pautas de cunho mais crítico e progressista, vários grupos oriundos dos setores evangélicos se sensibilizaram por questões e práticas que nas décadas

3 Dentro dos esforços de aproximação, destacamos duas iniciativas que ocorreram na década de 1990. A primeira foi a publicação do jornal *Contexto Pastoral*. Ela foi resultado da parceria entre o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)/Koinonia e o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), uma organização de bases históricas evangélicas. Com a criação desse veículo, que teve duração de 1991 a 1997, se esperava veicular informações e reflexões vindas dos movimentos ecumênico e evangélico e fazer convergir práticas e perspectivas comuns entre ambos. *Contexto Pastoral*, posteriormente, publicou dois dossiês no “Suplemento-Debate” que visavam a responder à demanda de contribuir com a reflexão sobre a busca de superação para os descaminhos da unidade evangélica brasileira e latino-americana: “O novo rosto do movimento evangélico” (n. 10, set./out. 1992); e “Caminhos e descaminhos da unidade evangélica” (n. 26, maio/jun. 1995). Uma gama razoável de artigos sobre o mundo evangélico, especialmente o diálogo entre ecumênicos e evangélicos, está presente ao longo das edições publicadas. A segunda iniciativa foi o seminário “Neoliberalismo e missão – Desafios teológicos e pastorais ante a realidade brasileira”, realizado na cidade de São Paulo em abril de 1996. Trata-se de uma reunião articulada pela organização ecumênica CEDI/Koinonia e pela FTL-Setor Brasil para refletir acerca de aspectos da conjuntura teológica e pastoral e pensar possibilidades de aproximação desses dois grupos.

4 Para uma análise do alinhamento de grupos evangélicos com a direita política, que, embora não seja o foco desta análise, está fortemente presente como pano de fundo da movimentação progressista de grupos evangélicos, veja os textos que compõem a obra *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XX*, organizada por Brenda Carranza e José Luis Pérez Guadalupe (2020).

5 Como resposta a essa conjuntura, em 2016 foi formada a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Na proposição e liderança dessa iniciativa, se destacaram duas personalidades historicamente identificadas com os movimentos evangélico e ecumênico, respectivamente: o pastor Ariovaldo Ramos e Anivaldo Padilha.

anteriores não eram devidamente valorizadas por eles, como defesa dos direitos humanos, problemática ecológica e enfrentamento dos fundamentalismos.

A hipótese que eu defendo é que, embora haja de fato esse “embaralhamento” positivo dos grupos ecumênicos e evangelicais, ainda existe um elemento de distinção que se caracteriza pela abertura ainda tímida dos grupos evangelicais a dois polos de questões e práticas cruciais para a sociedade hoje: as que giram em torno da diversidade sexual e de gênero e as do diálogo e cooperação inter-religiosa. Não é que elas não estejam presentes nesse campo, mas possivelmente não venham sendo devidamente enfrentadas ou não tenham a mesma pujança e força desprendida pelos grupos ecumênicos. Análises mais aprofundadas precisariam ser feitas para verificação dessa proposição. Não há condições de testá-la neste trabalho, em função dos seus limites. Apenas intentamos aqui descrever algumas iniciativas de grupos evangélicos que reforçam o ideário ecumênico de “justiça, paz e integridade da criação”.

Para isso, vamos nos deter em dois passos. O primeiro é apresentar uma síntese dos aspectos principais do surgimento e do desenvolvimento dos grupos ecumênicos no Brasil; já o segundo constitui um mapa, também sintético e certamente provisório, de organizações, grupos, coletivos e movimentos que marcam o cenário evangélico no Brasil e revelam, com maior ou menor intensidade, traços do ideário ecumênico.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA TRAJETÓRIA DOS GRUPOS ECUMÊNICOS NO BRASIL

Como sabemos, as igrejas evangélicas começaram efetivamente os trabalhos no Brasil na segunda metade do século 19, portanto há mais de cento e cinquenta anos.⁶ Quem deu início a esse processo foram pessoas e grupos, em sua maioria ligados à organizações missionárias de igrejas estadunidenses, homens e mulheres, em geral muito jovens, a maioria recém-formada em cursos teológicos e na área de educação,

⁶ Para aspectos gerais da história do protestantismo no Brasil, veja: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil (1984); MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens (1997); e MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil (1990).

que vieram especialmente dos estados do sul dos Estados Unidos para formar comunidades evangélicas no país. Eram missionárias e missionários com um padrão muito rígido de moralidade e que, de modo geral, revelaram dificuldades para aceitar as expressões culturais brasileiras.

Até os anos de 1950, além de ser um grupo minoritário e, em certo sentido, “fechado” (devido à moralidade restritiva), as pessoas evangélicas tinham participação muito tênue no conjunto da sociedade, postura que se tornou conhecida com a expressão “ficar preso às quatro paredes dos templos”. Com o passar do tempo, esses processos ganharam outras caracterizações.

3.1 A responsabilidade social das igrejas

Os sinais de mudanças foram lentos, mas ganharam certa intensidade com a urbanização e a industrialização ocorridas na década de 1950, acompanhadas de aumento no volume do êxodo rural. As igrejas evangélicas, tanto as chamadas “tradicionalis” quanto as pentecostais, consolidaram presença nas grandes cidades, estabeleceram formas de desenvolvimento institucional e ganharam certa visibilidade social (BITTENCOURT FILHO, 2003).

Esse processo ganhou novos contornos na década de 1960, quando o mundo experimentava fortes e variadas transformações culturais, políticas e socioeconômicas. Também nessa época se fortaleceu o movimento ecumênico internacional, com presença, ainda que minoritária, nas igrejas evangélicas do Brasil. O catolicismo também passava por fortes mudanças, se abrindo para relações mais arejadas com a sociedade.

Com essa ambientação, vários grupos no interior das igrejas evangélicas, especialmente pastores e setores da juventude, se sentiram incomodados com o perfil conservador que prevalecia nas comunidades evangélicas. O “homem” estava prestes a pisar na lua, os meios de comunicação avançavam com novas tecnologias, as mulheres debatiam a dominação cultural que sofriam, os negros denunciavam as formas de racismos e anunciam o black power, as culturas do mundo rural perdiam força, e começavam a prevalecer as culturas do mundo urbano e industrializado.

A pobreza, por exemplo, que sempre existira no Brasil devido à exploração colonial, passava a ser mais visível nas grandes cidades. Os pobres, dormindo nas escadas e nas portas das igrejas, traziam o incômodo aos fiéis que precisavam encarar essa situação. Diante desse quadro social, um grupo nas igrejas procurava “fechar os olhos” e se dedicava ainda mais às orações e aos cultos sem grandes conexões com a realidade social. Outro grupo mantinha uma visão refratária e fechada, atribuía a culpa desse sofrimento aos próprios pobres e procurava se “livrar” dessas pessoas.

Porém, começou a crescer um terceiro grupo. Eram pessoas que estavam antenadas com o que ocorria no Brasil. Muita gente jovem, mas também lideranças maduras, que estavam acompanhando as críticas ao sistema econômico que circulavam em vários setores da sociedade, especialmente nas universidades e movimentos sociais. Elas entendiam que o sistema econômico era o gerador da pobreza e dos males sociais que se tornavam mais visíveis no país àquela época. Compreendiam também que as igrejas precisavam dar uma resposta prática a esse quadro de sofrimento e de males sociais (CUNHA; RIBEIRO, 2013).

Esse grupo estava presente em várias igrejas evangélicas “tradicionais”, como eram e até hoje são chamadas. Presbiterianos, batistas, metodistas, luteranos e congregacionais vivenciavam novas práticas religiosas, sempre marcadas por tensões internas, debates calorosos e testemunhos significativos de solidariedade, em geral conhecidos como “amor ao próximo”, desprendimento humano e serviço social cristão. No Brasil, o movimento ecumênico se fortaleceu a partir dessa base e das aspirações desse agrupamento eclesial (DIAS, 2021).

Nessa mesma época cresciam também as igrejas evangélicas pentecostais, especialmente as Assembleias de Deus, a Igreja Deus é Amor e a Igreja O Brasil para Cristo, até hoje fortes e atuantes. Elas já existiam no Brasil desde o início do século 20, sendo mais intensamente presentes nas áreas rurais. Nesse período, começaram a ter maior presença nas grandes cidades, multiplicando comunidades, templos e tendo maior visibilidade na sociedade. No entanto, continuaram mantendo um perfil mais fechado em termos de participação social, enfatizando a vivência da fé nos elementos mais internos das igrejas, como os cultos, o estudo da Bíblia e a

manutenção de costumes próprios do mundo rural, especialmente na forma de se vestir, de estabelecer laços familiares e comportamentos.

Nas décadas seguintes – e isso se dá até os dias de hoje –, o modo de agir e de pensar dos grupos pentecostais se alterou bastante. Surgiram igrejas novas, como Universal do Reino de Deus, Renascer e diversas outras. Na atualidade, há grupos pentecostais que atuam na política e na sociedade com muita intensidade. Uma parcela deles tem demonstrado sensibilidade com o sofrimento humano, valorização dos movimentos de busca de direitos e de cidadania e boa abertura para debater os temas sociais. No entanto, a maior parte dos grupos pentecostais organizados na política parece não ter tal sensibilidade e vem atuando na defesa de pautas consideradas conservadoras e que colocam obstáculos à busca de direitos.⁷

O tema da responsabilidade social cristã está aqui destacado, pois vai marcar o desenvolvimento do movimento ecumênico e caracterizá-lo, tanto em nível internacional quanto nacional.

3.2 A relação entre a fé e a vida concreta

Nos anos de 1960, a percepção que começava a crescer e se fortalecer era a de que os cristãos (aqui, os chamados evangélicos tradicionais) deveriam se preocupar com os males sociais, compreendê-los mais profundamente e agir no sentido de combatê-los, visando a um mundo de justiça e de paz. O estudo da Bíblia precisaria ser outro, não mais de forma meramente piedosa e individual, mas relacionando a fé e a vida, a igreja e a sociedade, a vida cristã e o compromisso social. Muitos grupos se entusiasmaram com essa ideia. Também os hinos e as canções deveriam ser outras. Os cânticos tradicionais das igrejas evangélicas, sempre muito expressivos e emotivos, falavam em sua grande maioria da salvação pessoal e eterna, sobretudo com ênfase numa vida futura no céu. Para trazer o Evangelho à terra, alguns grupos começaram a compor novos hinos e canções.

Como já referido, a fundação do CMI (1948) dera forma a esse momento, com a articulação de diferentes ênfases e motivações para a ação cristã, já indicadas na

⁷ Sobre o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, há boa e variada bibliografia. Para uma síntese, veja: MESQUIATI DE OLIVEIRA, Davi; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro (orgs.). *Pentecostalismos em perspectiva* (2017).

destacada Conferência Missionária Mundial, em Edinburgo (1910), no Congresso Latino-Americano do Panamá (1916) e em demais conferências missionárias, em especial a Conferência Mundial “Igreja e Sociedade”, de 1966. Tais processos estimularam um novo pensar e um novo agir (SOUZA, 2021).

No contexto latino-americano, essa fermentação teológica e pastoral esteve ligada a pelo menos duas organizações ecumênicas.⁸ A primeira é a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), que havia sido criada em 1934 por cinco das principais igrejas protestantes brasileiras à época: Congregacional, Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Metodista e Luterana. Ela atuou significativamente na representação das igrejas protestantes no Brasil ante os diversos segmentos sociais. Porém, a partir dos anos de 1950 as igrejas evangélicas, ao menos em alguns de seus setores, foram “sacudidas” por novas formas teológicas e pastorais de pensar e de agir (DIAS, 2021).

A ação da Confederação Evangélica do Brasil foi marcada nesse momento pelas atividades do Departamento de Ação Social e do Setor de Responsabilidade Social (vinculado ao Departamento de Estudos), liderados, respectivamente, pelos sociólogos Jether Pereira Ramalho e Waldo César.

Durante sua existência (1955-1964), o Setor de Responsabilidade Social organizou uma consulta e três destacadas conferências de estudos que, segundo pesquisadores do Protestantismo brasileiro, marcaram a história dos evangélicos no Brasil. A consulta (1955) adotou um tema até então pouco comum ao vocabulário das igrejas: “A responsabilidade social da Igreja”. Já as conferências propuseram temáticas que procuravam acompanhar os grandes temas nacionais, como “A Igreja e as rápidas transformações sociais no Brasil” (1957), tempo das metas do governo do presidente Juscelino Kubistchek; “Presença da Igreja na evolução da nacionalidade” (1960), com a efervescência dos debates ideológicos inspirados pela experiência cubana; e “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”, a conferência de maior destaque, realizada estrategicamente em uma cidade do nordeste brasileiro, Recife-PE (1962). Observe-

⁸ Para maiores detalhes das duas organizações que serão descritas a seguir, veja: BITTENCOURT FILHO, José. Caminhos do protestantismo militante: ISAL e Conferência do Nordeste (2014).

se que nessa edição a palavra “igreja” foi substituída, e o tema repercutiu na imprensa secular (CUNHA; RIBEIRO, 2013).

A segunda organização ecumênica de destaque, esta em âmbito latino-americano, cujas raízes históricas marcam os grupos ecumênicos até hoje é Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL). Ela foi o resultado das conexões do Protestantismo latino-americano concretizadas por meio das Conferências Evangélicas Latino-Americanas (Celas) realizadas em 1949 (Buenos Aires), 1961 (Lima) e 1969 (Buenos Aires). Nesses eventos, que chegaram a reunir duas centenas de protestantes de mais de 40 igrejas e cerca de 30 países, discutiam-se a dimensão social da teologia protestante, a organização do movimento ecumônico em termos geográficos e temas como subdesenvolvimento, fome e reforma agrária no Continente.

ISAL foi criada na Cela de 1961, com a finalidade de levar às igrejas as bases bíblico-teológicas da responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Como resultado, publicou a revista *Cristianismo y Sociedad* e livros com reflexões de teólogos protestantes latino-americanos consideradas bases instituintes da Teologia da Libertação. Alguns países latino-americanos, desde os anos de 1950, já tinham atividades nessa linha, apoiadas pelo Departamento de Igreja e Sociedade do CMI. O primeiro presidente de ISAL foi o bispo metodista brasileiro Almir dos Santos, que presidiu a Conferência do Nordeste, já referida. Nestes novos contornos teológicos se dá a gênese da Teologia Latino-Americana da Libertação.⁹

Os ideais de unidade e responsabilidade sociopolítica e o novo pensamento teológico encontraram uma síntese na atuação dos movimentos de juventude evangélica (estudantil e no interior das igrejas). Tais movimentos formaram lideranças expressivas para as igrejas e para o ecumenismo nacional e internacional durante várias décadas, sobretudo as de 1950 e 1960, e promoveram atividades que transformaram a atuação do Protestantismo no Brasil, como os acampamentos de trabalho social em áreas empobrecidas. A memória desse tempo destaca a União Cristã Estudantil do Brasil (UCEB) e o Departamento de Juventude da CEB, que ganharam expressão internacional. O nome do missionário presbiteriano

⁹ Nomes de destaque do campo teológico latino-americano, como os de José Miguez Bonino, Julio de Santa Ana, Emilio Castro, Rubem Alves e Federico Pagura, despontam nesse cenário.

estadunidense Richard Shaull será sempre lembrado como chave na articulação dos conteúdos teológicos e das práticas significativas desse período.

As mudanças no enfoque das práticas e da teologia se davam também fortemente na Igreja Católica, em especial motivadas pelos ventos renovadores do Concílio Vaticano II. As missas deixaram de ser em latim e passaram a ser no vernáculo, a presença pública dos padres se tornou mais secularizada (até com alteração nas vestimentas), o trabalho comunitário se fortaleceu muito – sobretudo com operários do campo e da cidade e com a juventude, tanto universitária quanto secundarista – e círculos bíblicos foram incentivados. A preocupação social passou a ter forte ênfase, o que culminou com trabalhos pastorais dentro da orientação de se ter uma opção preferencial pelos pobres, pela juventude e pelas comunidades eclesiais de base (CEBs). Os encontros intereclesiás das CEBs, que se iniciaram na segunda metade dos anos de 1970, passaram a contar com maior participação ecumênica, especialmente a partir de sua sétima edição, em 1989. Também as Campanhas da Fraternidade, desde o final dos anos de 1990, começaram a ter, a cada cinco anos, uma versão organizada ecumenicamente.

4 A TRÍPLICE DIMENSÃO DO ECUMENISMO

As mudanças até agora referidas reforçaram bastante a visão de grupos evangélicos que não mais viam os católicos como inimigos e que defendiam que as igrejas deveriam ter práticas que as incentivasse a se relacionar mais estreitamente com a sociedade, tendo em vista a busca de paz e justiça social. Era outra forma de ver a fé e a missão da Igreja.

Esse novo quadro possibilitou novas práticas, não mais desenvolvidas “para dentro”, mas com o foco voltado à sociedade e aos grupos que estavam tendo preocupações semelhantes. Nesse sentido, a Igreja Católica, outrora tida como inimiga e concorrente, passou a ser grande aliada e parceira dos trabalhos sociais. O inverso também se deu: no contexto católico, se passou a falar “de modo positivo de outras comunidades de fé e dos empenhos ecumênicos. Muitas pessoas e comunidades demonstram considerável abertura pelo ecumenismo; reconhece-se o batismo de várias outras igrejas e mantêm-se diálogos teológicos” (SINNER, 2020, p. 62).

Assim, se fortalecia o ecumenismo – a aproximação de pessoas e grupos de diferentes igrejas ou religiões e, mais do que isso, indo além delas, alcançando esferas seculares, atuando conjuntamente com “todos os homens de boa vontade”, como correntemente se falava em épocas anteriores. Várias organizações ecumênicas surgiram, e muitas estão em funcionamento até hoje. Elas procuram promover atividades de formação crítica, tanto em relação à sociedade quanto a práticas das igrejas. A problematização do racismo na sociedade e nas igrejas, por exemplo, estava presente, sobretudo com o trabalho de organismos como a Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo (CENACORA), forte nos anos de 1980. Outras iniciativas apoiam e assessoram trabalhos sociais com crianças, mulheres, grupos de juventude e outras frentes. Desse contexto histórico surgiu, por exemplo, o trabalho do teólogo evangélico Rubem Alves, já falecido, que é bastante conhecido nos espaços escolares e em outros setores sociais por seus escritos sobre educação. Há também muitas outras contribuições similares (RIBEIRO, 2019).

Em linhas gerais, tais grupos, que estão mergulhados na riquíssima tradição teológica do movimento ecumônico, têm realçado que a distinção “macro” x “micro”, nascida em ambientes católicos, é redutora e que pode ser muito mais bem vista sob a tríplice dimensão, consagrada por autores como Julio de Santa Ana (1987) e tantos outros: a unidade cristã, a partir do reconhecimento do escândalo histórico das divisões e de uma preocupação em construir perspectivas missionárias ecumênicas; a promoção da vida, firmada nos ideais utópicos de uma sociedade justa e solidária e na compreensão de que eles podem reger a organização da sociedade, integrando todos os grupos e pessoas de “boa vontade”; e o diálogo inter-religioso, na busca incessante pela superação dos conflitos, pela paz e pela comunhão justa dos povos. Portanto, o diálogo inter-religioso não é “uma” expressão ao lado do ecumenismo, mas o constitui em essência e proposta. Do mesmo modo ocorre o interesse pelo aprofundamento da democracia e a defesa dos direitos humanos e da terra. Eles não são – ou não deveriam ser – uma opção dos movimentos inter-religiosos, mas compõem sua base de ação.

5 UM NOVO ROSTO DAS ORGANIZAÇÕES ECUMÊNICAS E DOS MOVIMENTOS EVANGÉLICOS

Na atualidade, muito se tem falado e refletido sobre o aumento do número e da visibilidade social de evangélicos, processo engendrado desde as últimas décadas. As estimativas de pesquisas são de que hoje eles devem alcançar um terço da população brasileira. Esse crescimento possibilitou certa heterogeneidade desse grupo religioso, envolvendo pessoas de visões e experiências anteriores bem variadas. Há muitos pobres, que conhecem o sofrimento e a opressão de perto, e outros que, anteriormente, participavam de movimentos sociais e que agora, ao se tornar evangélicos, trazem essas experiências para dentro de suas vivências nas igrejas, especialmente entre batistas e pentecostais.

No caso do crescimento pentecostal, o processo de maior conscientização da experiência religiosa se dá fortemente, ainda que com enfoques diversificados. Mesmo porque os grupos, as igrejas e os movimentos pentecostais são bastante variados, principalmente no tocante à inserção social. Hoje, por exemplo, há um crescimento de seminários e faculdades de teologia e de pessoas com estudos de pós-graduação, tanto entre evangélicos pentecostais quanto entre os evangélicos tradicionais. O mesmo ocorre em outras atuações nas diversas esferas da sociedade. Parte das pessoas e grupos que vivenciam esses processos integram, com maior ou menor intensidade, os esforços ecumênicos em seus diferentes níveis (ALENCAR, 2018).

Como pano de fundo desse contexto, há articulações e projetos desenvolvidos por entidades ecumênicas de serviço compostas por pessoas de diferentes tradições religiosas, tendo a participação de um grupo expressivo de evangélicos, especialmente jovens e mulheres. Elas integram o movimento ecumônico e prestam serviços aos movimentos sociais. Existem também grupos sem uma identificação histórica ou direta com as estruturas do movimento ecumônico, mas que possuem ênfases similares.

Em nossa compreensão, esse variado quadro pode ser mais bem compreendido a partir do princípio pluralista (RIBEIRO, 2020), que é instrumento metodológico usado para refletir sobre a diversidade religiosa – e aqui, o foco é o pluralismo ecumônico. Esse princípio tem a intenção de perceber a realidade para além das formalidades institucionais, espaços eclesiásticos e esferas afins, ampliando as análises no sentido

de cooperar com a visibilização de grupos subalternos que emergem nos entrelugares das culturas, as novas formas de organização e de articulação, e movimentos que surgem das interfaces da religião com as demais fronteiras da vida social.

6 O FÓRUM ECUMÊNICO (FE-BRASIL)

No plano do movimento ecumônico de caráter mais institucionalizado, destacam-se nesse quadro as organizações baseadas na fé ligadas à ACT Aliança, que é articulação diaconal do Conselho Mundial de Igrejas, que, por intermédio do Fórum Fé-Brasil, mobiliza várias entidades. Tendo em vista nossas análises, destacamos no Brasil¹⁰:

Coordenadoria Ecumônica de Serviço (CESE) – atua no apoio a projetos desenvolvidos em todo o país, na promoção, defesa e garantia de direitos. Composta por seis igrejas cristãs, foi fundada em 1973 para ser uma expressão do compromisso ecumônico em defesa dos direitos humanos e apoiar iniciativas que visem a atender a demandas dos movimentos sociais e medidas efetivas que mudem a situação das populações mais vulneráveis, marginalizadas e excluídas.

Koinonia Presença Ecumônica e Serviço – fundada em 1994, origina-se do braço protestante do Centro Ecumônico de Documentação e Informação (CEDI). Composta por pessoas de diferentes tradições religiosas, tem a missão de mobilizar a solidariedade ecumônica e prestar serviços a grupos histórico e culturalmente vulneráveis e em processo de emancipação social e política.

Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) – fundado em 1979, é uma organização ecumônica que reconhece e pratica um método de ler e interpretar a Bíblia, em chave popular, a partir da realidade e em defesa da vida. Desenvolve atividades e publicações para divulgar, aprimorar e capacitar pessoas no uso dessa forma nova de leitura da Bíblia.

Centro Ecumônico de Serviço à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) – fundado em 1982, tem o objetivo de prestar serviços às lideranças de movimentos

10 O breve perfil que a seguir apresentamos de cada uma das organizações dessa lista – assim como as demais que não estão ligadas formalmente à ACT Aliança, mas integram o quadro ecumônico – foi extraído das páginas eletrônicas delas, que estão listadas nas referências ao final deste artigo.

sociais e comunidades das diferentes igrejas cristãs em seus trabalhos pastorais e de promoção humana. Os cursos promovidos se desenvolvem em um clima de diálogo ecumênico, intracristão e inter-religioso e entre as diferentes experiências políticas, sociais, religiosas e culturais.

Diacionia – fundada em 1967, apoia e desenvolve atividades em territórios urbanos e semiáridos do nordeste brasileiro e tem como compromisso maior o serviço para transformação de vidas. Para isso, estimula o empoderamento de mulheres, homens, jovens e famílias agricultores, além de mobilizar comunidades, igrejas e outros grupos sociais para defesa e efetivação dos direitos humanos.

Além dessas organizações, há relevantes contribuições ecumênicas oferecidas pelas demais que estão ligadas à ACT Aliança. Também merece menção o trabalho realizado pelas igrejas-membros: Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Metodista, Presbiteriana Unida do Brasil, Presbiteriana Independente do Brasil, Ortodoxa Siriana e Católica Apostólica Romana; e também CONIC e CLAI-Brasil.

FE-Brasil promove as Jornadas Ecumênicas, que estão em sua quinta edição. A primeira foi realizada em 1994, na cidade de Mendes-RJ, com o mote “O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio”. A segunda (2002), com o símbolo de laços, e a terceira (2005), com o de redes, ocorreram no mesmo local e trataram dos principais temas ecumênicos. A quarta (2010) aconteceu em Indaiatuba-SP, com o tema “Ecumenismo, ecologia, economia e vida”, e a quinta (2023), em Vargem Grande Paulista-SP, com o tema “Contra os fundamentalismos e pela justiça de gênero”. As perspectivas ligadas à diversidade sexual e de gênero e ao diálogo e cooperação inter-religiosos, ao lado do amplo leque que molda as teologias sociais e ecumênicas, representam um foco de destaque dessas iniciativas.

Os participantes evangélicos que atuam ou estão ligados direta ou indiretamente a essas organizações, assim como as demais pessoas, dão, em geral, um testemunho significativo de participação social e de luta contra as formas de racismos, machismos e homofobia. Boa parte está integrada a fóruns e movimentos inter-religiosos que, embora em geral tenham reduzida adesão, estão presentes em diferentes regiões do

país (RIBEIRO, 2016). São cristãos que cultivam mentalidade aberta e sensibilidade humana para vivenciar concretamente as marcas sociais do Evangelho.

7 A DIVERSIFICAÇÃO DOS GRUPOS ECUMÊNICOS

O quadro ecumônico tem se diversificado ainda mais nos últimos anos. Ao lado de instituições que já exercem atividades ecumênicas por décadas, são muitos os novos movimentos e organizações que atuam no campo evangélico que buscam a justiça e a paz, reagindo ao quadro de conservadorismo que o setor tem reforçado nos últimos anos. Alguns se orientam mais nitidamente por uma perspectiva ecumônica, dentro dos referenciais teológicos e pastorais do movimento ecumônico já referidos nesta análise; outros, não, mas ainda assim realçam um ou outro elemento do ideário ecumônico.

Entre esses grupos, podemos elencar:

Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito – já referida, trata-se de um movimento nascido no meio cristão evangélico com o objetivo de promover a justiça social e a defesa da democracia e de todos os direitos garantidos pela Constituição brasileira. Conta com grupos de base que acompanham ocupações urbanas, debatem temas da política e dos direitos humanos e realizam atividades em diferentes cidades do país.

Grupos que atuam na busca de direitos dentro das teologias e práticas feministas como Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG) e Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil (MOSMEB). São iniciativas formadas por mulheres evangélicas, ativistas de diversas áreas socioprofissionais e de lutas, na defesa dos direitos das mulheres, evangélicas ou não. Opõem-se a todo e qualquer tipo de violência e opressão que afete a mulher nos âmbitos social, familiar, religioso ou político.

Movimento Negro Evangélico (MNE) – mobiliza pessoas, redes e organizações que trabalham com o tema da negritude no Brasil a partir da igreja evangélica, criando assim uma articulação entre elas para lutar por políticas afirmativas e enfrentar a desigualdade racial, o racismo institucional e cultural e o extermínio da juventude negra. Há vários outros coletivos similares que pautam as questões étnico-raciais em suas atividades.

Rede FALE – articulação de pessoas e grupos para cultivo de espiritualidade e ação contra a injustiça, com especial atenção aos aspectos econômicos e seus efeitos na desigualdade e na ampliação da miséria.

Novos Diálogos – atua no campo editorial e na organização de eventos voltados à juventude evangélica, como o Reimaginar, com destaque para os direitos humanos e a diversidade.

Casa Galiléia – promove e fortalece iniciativas e projetos que tornem os espaços sociais mais humanos, democráticos, plurais e sustentáveis.

Evangélicxs pela Diversidade e movimento Jesus Cura a Homofobia – buscam combater o preconceito de ordem sexual entre os evangélicos, qualificar as reflexões sobre a relação entre diversidade sexual, identidade de gênero e fé cristã evangélica e dar visibilidade aos grupos LGBTQIA+, com ações que visam a diversas formas de empoderamento.

Novas Narrativas Evangélicas – articula pessoas e grupos jovens como uma comunidade-plataforma de comunhão, construção e afirmação da pluralidade de identidades evangélicas. Tem a missão de produzir novas narrativas para informar e formar pessoas dispostas a construir espaços de reconhecimento, diálogo e exercício das espiritualidades evangélicas, conectadas aos principais desafios sociais do país.

Visão Mundial – presente no Brasil desde 1975, atua com foco no apoio a crianças e adolescentes em situação de maior vulnerabilidade, buscando a erradicação da violência e uma vida mais digna, em abundância, para os meninos e meninas. Para isso, desenvolve programas e projetos nas áreas de proteção, educação, meios de vida, incidência política e resposta a emergências.

Instituto de Estudos da Religião (ISER) – fundado em 1970 no contexto do movimento ecumênico, desenvolveu em algumas décadas o trabalho com uma identidade de natureza mais acentuadamente secular; hoje mantém projetos que mobilizam quadros e grupos evangélicos, além de articulações inter-religiosas. Atua na produção de conhecimento qualificado, na incidência no debate público e na articulação social com ênfase na religião, sempre a favor de uma sociedade justa, inclusiva e sustentável.

Centro Evangélico Brasileiro e Ecumênico de Pastoral (CEBEP) – Anteriormente denominado Centro Evangélico Brasileiros de Estudos Pastorais, fundado na segunda metade da década de 1970, articula pessoas e grupos para reflexão sobre experiências pastorais contemporâneas, aspectos de novas formas de espiritualidade, vivências litúrgicas, temas relacionados ao ministério feminino e à teopoética, na linha do fortalecimento da cidadania e na busca da transformação social.

Vários coletivos com naturezas distintas e variadas que se constituíram nos últimos anos, como o Coletivo Memória e Utopia, criado em 2020, que tem procurado recriar as experiências de evangélicos que resistiram no período da ditadura militar, no Brasil, e outras experiências históricas significativas para a atualidade. Também Cristãos contra o Fascismo, criado em 2018, que é um movimento cristão plural, ecumênico, suprapartidário, radicado na defesa da democracia e contra intolerâncias, com forte atuação nas redes sociais da internet.

Não estamos citando os nomes de pessoas que lideram esses movimentos e organizações, pois são muitos e não queremos cometer injustiças. Há na internet, em várias páginas eletrônicas e revistas, matérias descrevendo a atuação de pastores e pastoras, assim como lideranças leigas, de diferentes cantos do Brasil, que lutam pela justiça, em uma visão evangélica de teor crítico e progressista.

8 CAMINHOS ANTERIORMENTE POUCAS VEZES TRILHADOS

Em todas as atividades, projetos, trabalhos sociais, experiências políticas e iniciativas educativas relacionadas às organizações até aqui descritas e que envolvem pessoas e grupos evangélicos, há uma riqueza enorme em termos de se ter uma visão mais humana no mundo, um pensamento mais aberto e mais crítico e uma postura mais sensível ao sofrimento humano, com a devida atenção às suas causas no contexto da sociedade brasileira. Tais grupos não têm muito espaço nas mídias nem são lembrados na grande maioria das reportagens ou nas avaliações que em geral se fazem sobre os evangélicos.

Além disso, com exceção de projetos mais bem estruturados, é muito comum encontrarmos pessoas e grupos evangélicos, de forma espontânea ou com um nível de organização apenas local, cooperando com ações de apoio a moradores de rua, participando de campanhas comunitárias e de solidariedade, contribuindo com projetos sociais como creches, espaços de formação cidadã para crianças e juventude, grupos de mulheres e outras atividades afins. Nem todos têm uma visão política aguçada e crítica, especialmente em relação às causas dos males sociais.

Nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e também em movimentos de ocupações urbanas, por exemplo, há sempre uma quantidade expressiva de pessoas evangélicas, especialmente mulheres pentecostais. Por vezes, esse número chega a ser de um terço dos acampados. A forma como fazem suas orações, seus cultos e suas pregações nem sempre é ordenada com o pensamento político desses movimentos; em geral, essas expressões religiosas têm um perfil e linguagem mais intimista, individual, sem tanta conexão explícita com a realidade social. Porém, as experiências concretamente vividas são diferentes. Boa parte delas tem um caráter humanizador e emancipatório, o que leva os evangélicos a não aceitarem acriticamente as propostas conservadoras, sejam as pregações dos pastores feitas nos púlpitos, seja as que circulam nas mídias (TOSTES; CORAZZA, 2021a).

Outro ponto importante é que entre os temas e situações em pauta, em muitas organizações, movimentos e coletivos listados, está, por exemplo, a atenção a questões sensíveis, como sexualidade humana. Na análise que Angélica Tostes e Delana Corazza (2021b) fizeram do quadro de diversidade do campo evangélico brasileiro, dois aspectos importantes são indicados. O primeiro é a necessidade de se considerarem vozes que a partir da fé assumem essas tantas identidades como feministas, LGBTQIA+, negros e negras, a partir disso criam um lugar religioso, que sai do armário das ideias únicas do que significa ser evangélico em um país marcado pelas violências e injustiças de gênero, raça e classe, além de toda intolerância religiosa ou teológica para com o diferente (TOSTES; CORAZZA, 2021b, p. 176).

O segundo aspecto é que entre os grupos evangélicos progressistas há uma diversidade de visões e práticas, e, por vezes, eles cometem até mesmo os equívocos

dos fundamentalismos, com silenciamentos e negações acerca da diversidade sexual e de gênero e a não abertura ao diálogo inter-religioso (TOSTES; CORAZZA, 2021b).

Portanto, o quadro que reúne as diferentes experiências religiosas usualmente denominadas progressistas no campo evangélico brasileiro na atualidade é plural, diversificado e de difícil análise. Em todas as vivências e iniciativas descritas, o dado ecumênico está presente. Se elas podem ser reconhecidas como parte integrante do quadro ecumônico ou se estão associadas mais adequadamente ao movimento evangélico são afirmações que carecem de avaliações mais aprofundadas.

A hipótese apresentada inicialmente poderia ser testada nesses casos, ou seja, se nas diferentes práticas e discursos presentes no “embaralhamento” positivo dos grupos ecumênicos e evangélicos se destacarem elementos que caracterizem certa dificuldade de se lidar com questões e situações em torno da diversidade sexual e de gênero e as do diálogo e cooperação inter-religiosa, pode ser, então, uma sinalização de distanciamento do movimento ecumônico. Não se trata de uma disputa rígida de identidades, e sim apenas uma forma de compreensão mais adequada da diversidade dos grupos evangélicos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “SE O GRÃO NÃO MORRER...”

A análise aqui apresentada pode iluminar, ainda que modestamente, a realidade presente, que, como é de se esperar, se mostra muito distinta de contextos anteriores. Pessoalmente, da experiência com o mundo ecumônico e com o da Teologia Latino-Americana da Libertação, aprendi que as organizações não devem fazer grandes esforços para resgatar suas identidades. Antes, devem recriá-las propositiva e criativamente.

Isso, por suposto, precisa se dar com base em análises científicas apuradas da realidade socioeconômica e cultural (mediações socioanalíticas), interpretadas adequadamente dentro de parâmetros substancialmente bíblicos e em diálogo crítico e inovador com as tradições e doutrinas (mediações hermenêuticas) e traduzidas em termos propositivos, dentro da linha da justiça e da paz, visando ao empoderamento das pessoas e agrupamentos pobres e subalternos de nossa sociedade (mediações práticas).

De minha parte, tenho procurado contribuir com esse quadro a partir da formulação do princípio pluralista. Por isso, vejo com bons olhos, por exemplo, os eventos e publicações que têm, ao menos, a metade do protagonismo efetuado por mulheres. Tal perspectiva, confiando em nossa constante atenção a esse aspecto, pouco se dá no universo evangelico. E penso que, quando isso não se apresenta em termos operacionais com muita facilidade, devemos restringir a participação de homens, em um movimento espiritual de silenciamento gracioso e justo, para que as vozes das mulheres tenham um espaço justo para ser expressas e ecoadas. Posturas similares são necessárias em relação às pessoas negras, à comunidade LGBTQIA+ e a outros grupos que requerem demandas dessa natureza.

O fato de atividades teológicas ou de movimentos pastorais terem o foco no universo evangélico brasileiro não deve nos inibir em propor temas e situações delicadas e complexas que hoje a sociedade discute amplamente. Assim, não podem ficar de fora da pauta de eventos, atividades pastorais, iniciativas teológicas e projetos em geral aspectos como:

As questões de gênero e de homoafetividade, sobretudo a crítica às formas estruturais de machismo e de heteronormatividade;

As relações inter-religiosas, conflitivas ou de aproximação ecumênica;

O protagonismo das visões oriundas dos movimentos negros, em especial o debate sobre os racismos estruturais;

A sensibilidade e visão crítica em relação à pobreza e à violência resultantes do sistema econômico capitalista;

As preocupações político-ecológicas com a justiça, com a paz e com a integridade da criação e as vozes das juventudes, especialmente as periféricas, que podem apresentar perspectivas inéditas e soluções criativas para as situações sociais.

É algo parecido com o Evangelho, naquela inquietante proposição: “Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á” (Mateus 16.25).

A princípio, pode parecer a morte das organizações que, historicamente, não priorizaram essas perspectivas acima ou as trataram seletivamente, reservando a abordagem delas para um futuro longínquo e provavelmente não existente. Talvez, de fato, seja necessário, em alguns aspectos, o morrer. Rubem Alves, por exemplo, que com sua presença e participação “dinamitou” a herança evangelical do já referido CEBEP, além de interpelar outros grupos, nos mostra que a busca e a construção de comunidades teológicas (ou de vivências comunitárias da fé) requerem uma nova linguagem. Em seu livro *Dogmatismo e tolerância* (1982), ele escreve: “Não se pode pensar uma comunidade nova falando uma linguagem velha” (p. 50). Trata-se, na tradição teológica cristã, da liberdade de ação do Espírito de Deus, o qual se sobrepõe, até mesmo, às estruturas e aos condicionamentos institucionais. Não é sem significado prático e atual que no Evangelho se encontra a expressão: “se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas, se morrer, dará muito fruto” (João 12.24).

As comunidades teológico-pastorais, mesmo com suas limitações e descaminhos, emergem como novidade existencial das igrejas e do mundo e se tornam canal vivificador e alternativo quando o destino das instituições e organizações alcançar a morte, dentro de uma perspectiva de ruptura e renovação. Para as pessoas e instituições terem futuro, precisam aprender a morrer. Novamente, Rubem Alves (1982, p. 51): “A morte também é parte da intenção do Espírito, porque somente pela morte deixamos o espaço do presente e do futuro livre para as novas gerações”.

Esse quadro indica às pessoas vocacionadas para a missão e às organizações eclesiás e teológicas a necessidade de vislumbrarem respostas à questão – crucial à teologia e à fé – que o mesmo autor apontou: “onde é que o poder de Deus está tomando forma social?” (ALVES, 1973, p. 4).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. Ecumenismos & pentecostalismos: a relação entre o pescoço e a guilhotina. São Paulo: Recriar, 2018.

ALVES, Rubem. A missão da Igreja numa era apocalíptica: notas não objetivas sobre a Conferência de Bangcoque. CEI Suplemento, n. 3, mar. 1973.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.

BITTENCOURT FILHO, José. Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BITTENCOURT FILHO, José. Caminhos do protestantismo militante: ISAL e Conferência do Nordeste. Vitória: Editora Unida, 2014.

CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luis Pérez (orgs.). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XX. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CUNHA, Magali; RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O rosto ecumênico de Deus: reflexões sobre ecumenismo e paz. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DIAS, Zwinglio Motta. História do ecumenismo. In: ASTE (org.). Dicionário brasileiro de teologia. São Paulo: ASTE, 2008. p. 324-329.

FONSECA, Alexandre Brasil. Evangelicals in Brazil: Analisys, Assessment, Challenges. In: MILLER, Eric; MORGAN, Ronald J. (eds.). Brazilian evangelicalism in the Twenty-First Century. Birmigham-UK: Palgrave Macmillan, 2019, p. 83-106.

LONGUINI NETO, Luiz. O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola; São Bernardo do Campo: IEPG, 1990.

MESQUIATI DE OLIVEIRA, Davi; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro (orgs.). Pentecostalismos em perspectiva. São Paulo: Terceira Via, 2017.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Evangélicos brasileiros e o compromisso social. In: LELLIS, Nelson; RIBEIRO, Claudio de Oliveira (orgs.). Religião & política: faces evangélicas no cenário político. São Paulo: Recriar, 2019. p. 8-21.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil. São Paulo: Reflexão, 2016.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O princípio pluralista. São Paulo: Loyola, 2020.

SANTA ANA, Julio de. Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987.

SINNER, Rudolf von. Ecumenismo. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbráz; PANASIEWICZ, Roberlei (orgs.). Dicionário do pluralismo religioso. São Paulo: Recriar, 2020. p. 58-64.

SOUZA, Daniel. Ecumenismo. In: CUNHA, Magali; NOVAES, Allan (orgs.). Dicionário brasileiro de comunicação & religiões. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2021. p. 82-94.

TOSTES, Angélica; CORAZZA, Delana. Quando a fé encontra a luta: as vozes das mulheres evangélicas do MST [resultados da pesquisa “Os evangélicos e a política”, divulgados em quatro partes]. TriContinental, 2021a. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/quando-a-fe-encontra-a-luta-as-vozes-das-mulheres-evangelicas-do-mst-parte-4/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

TOSTES, Angélica; CORAZZA, Delana. Evangélicos no Brasil: polidoxia e negociações. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Diversidade religiosa e o princípio pluralista. São Paulo: Recriar, 2021b. p. 147-181.

TRABUCO, Zózimo. À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismos, esquerdas e minorias (1974-1994). Salvador: Sagga, 2016.

Páginas eletrônicas das organizações citadas (acesso feito em 01/04/2024):

<https://ceseep.org.br/>

<https://kn.org.br/>

<https://www.cese.org.br/>

<https://cebi.org.br/>

<https://visaomundial.org.br/>

<https://www.cebep.com.br/>

https://afrokut.com.br/movimento-negro-evangelico/#google_vignette

<https://novasnarrativasevangelicas.com/>

<https://www.facebook.com/evangelicxs/>

<https://rotineiras.wordpress.com/2017/03/24/gay-e-cristao-entenda-o-movimento-jesus-cura-a-homofobia/>

<https://memoriaeutopia.com.br/>

<https://movimentorevista.com.br/a/cristaos-contra-o-fascismo/>

<https://casagalileia.com.br/>

<https://iser.org.br/>

<https://redefale.blogspot.com/>

<http://novosdialogos.com/>

<https://www.facebook.com/frentedeevangelicos/>

<https://linktr.ee/mulhereseig>

<https://www.anf.org.br/movimento-social-de-mulheres-evangelicas-realiza-1o-plenaria-ampliada-de-2022/>

<https://bemvindo.diaconia.org.br/en/about-us>